

CONFERÊNCIA

A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO PEDAGOGO¹

Renê José Trentin Silveira²

Excelentíssimo Senhor Pró-Reitor de Pós-Graduação, aqui representando o Magnífico Reitor da UNICAMP; Excelentíssima Senhora Diretora da Faculdade de Educação (FE), nas pessoas dos quais saúdo os demais integrantes da mesa diretora; colegas professores da FE e de outros institutos; senhores pais, familiares e amigos dos formandos; queridos formandos.

Peço licença aos presentes para me dirigir particularmente aos formandos, em especial aos do curso de Pedagogia diurno dos quais sou Paraninfo.

Eu não poderia iniciar essa minha fala referindo-me a vocês como “meus queridos alunos”. Afinal, apesar de continuarem queridos, não são mais alunos, a não ser no sentido mais amplo em que todos nós, indistintamente, somos, ao mesmo tempo, alunos e professores, mestres e aprendizes, educadores e educandos uns dos outros, como bem nos ensinou o grande mestre Paulo Freire. Como é mesmo que ele dizia? “ninguém educada ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo; os homens [e as mulheres] se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (Freire, 1981, p.79).

Mas no sentido estrito do termo, de alguém que se encontra com um professor profissional numa sala de aula para estabelecer com ele uma relação de ensino-aprendizagem de conteúdos específicos de alguma área do saber, nesse sentido particular, pelo menos por enquanto, até que, quem sabe, ingressem na pós-graduação, vocês não são mais alunos. Portanto, não é dessa forma que eu devo me reportar a vocês.

¹ Discurso de Paraninfo proferido na cerimônia de formatura dos alunos de Pedagogia e Licenciaturas da UNICAMP, em 11 de março de 2003.

² Professor da Faculdade de Educação da UNICAMP, chefe do Departamento de Filosofia e História da Educação e pesquisador do Grupo Paidéia. e-mail: rene@unicamp.br

Eu poderia, então, chamá-los de “queridos amigos”, e isto não seria em nada artificial ou demagógico porque é bem verdade que, ao longo desses anos em que convivemos, conseguimos, sim, estabelecer autênticos laços de amizade, em alguns casos, mais estreitos e profundos, em outros, um pouco mais superficiais, como é natural; de todo modo, em alguma medida, formaram-se, sem dúvida, laços de amizade. Mas também este termo, “amigos”, não traduz exatamente a natureza da relação que neste momento passa a existir entre nós.

Uma outra possibilidade seria chamá-los de “companheiras e companheiros”, expressão que, como vocês bem sabem, por razões de ordem pessoal, me é muito cara e que, com certeza, também retrata, ao menos em parte, o tipo de relacionamento que tivemos até aqui. Afinal, “companheiro” vem do latim, *copanere*: *co* = junto; *panere* = pão. Companheiro, portanto, é aquele com quem partilhamos o pão. E não há dúvida de que, ao longo desses quatro anos, em muitos momentos nos fizemos companheiros, compartilhando o pão do conhecimento, seja ele científico, filosófico, ou mesmo do senso comum, da “filosofia de vida”; o pão das experiências pessoais que ajudaram no crescimento e no enriquecimento de todos; o pão do respeito, da solidariedade, da consideração, princípios elementares de uma convivência democrática e fraterna; e também, porque não dizer, o pão propriamente dito: as torradinhas com patês, os pães-de-metro, os bolos de chocolate, as tortas de legumes, os refrigerantes, os sucos naturais, além, é claro, de alguns cálices de vinho de vez em quando, sem falar da boa e velha, e gelada, cervejinha. É! Compartilhamos muitos “pães” ao longo dessa nossa caminhada, de modo que, somos, sim, companheiros e companheiras. Mas também este termo, por mais que eu o aprecie, não se mostra muito adequado para esta ocasião, porque não traz à baila, não explicita o que, a partir de hoje, passa a existir de novo, de original na relação entre nós.

Para expressar essa originalidade, penso que o termo mais adequado que eu poderia usar para me referir a vocês, sem prejuízo dos dois anteriores, seria COLEGAS. Afinal, de hoje em diante, vocês não são mais alunos dos professores do curso de Pedagogia; a partir de hoje, além de nossos amigos e amigas, além de nossos companheiros e companheiras vocês são, também, nossos colegas de profissão. Claro que é possível que nem todos vocês venham a trabalhar em salas de aula, em escolas, porque o curso que vocês acabam de concluir lhes oferece um leque mais amplo de oportunidades de trabalho, o que é salutar e perfeitamente legítimo; mas, onde quer que decidam atuar, é como PEDAGOGOS e PEDAGOGAS, como educadores profissionais que o farão. É isto o que está sendo oficialmente certificado pelo diploma que vocês estão recendo nesta noite.

E vocês já pararam para pensar no significado mais profundo desse diploma? Ele não é apenas o reconhecimento oficial de que vocês estão habilitados a “conduzir e educar crianças”, como indica o sentido etimológico da palavra “pedagogo”. E olha que isso não é pouca coisa, dada a responsabilidade social, política e moral de que essa habilitação se faz acompanhar, necessariamente! Mas, além desse sentido de certificação oficial, esse diploma representa também um voto de confiança que a sociedade depositou em vocês, desde o momento em que vocês ingressaram no curso de Pedagogia, acreditando (ela, sociedade) que, depois de formados, vocês estariam preparados para atuar profissionalmente em prol da melhoria e da transformação dessa sociedade.

E o que é que torna legítima e justa esta expectativa da sociedade em relação a vocês? O fato de que foi essa mesma sociedade como um todo que propiciou as condições para que vocês estudassem e chegassem aonde chegaram. E isso não apenas porque a universidade em que vocês agora se formam, sendo pública, é mantida com recursos provenientes de impostos e, portanto, de todos os cidadãos, sem exceção, inclusive daqueles, a imensa maioria, que jamais tiveram oportunidade de por os pés numa sala de aula de ensino superior, quiçá nem mesmo de ensino fundamental, nem eles, nem seus filhos; não apenas por isso, mas também porque, no seu dia-a-dia, ela (universidade) depende de uma infinidade de pessoas que, com seu trabalho cotidiano, direta ou indiretamente e, por vezes, no anonimato, a produz e a faz funcionar. Refiro-me aos funcionários das diversas secretarias, das bibliotecas, dos *halls* de recepção, da limpeza, da manutenção dos equipamentos em geral, da segurança; às cozinheiras e cozinheiros das cantinas e dos restaurantes, aos atendentes dos balcões; aos garçons das lanchonetes; aos que trabalham na produção de fotocópias, nas livrarias e nas papelarias espalhadas pelo *campus*; aos motoristas e cobradores dos coletivos, para citar apenas alguns exemplos mais visíveis. Isso sem falar nos pais e familiares de vocês que, não raro, se desdoblaram e se sacrificaram para que vocês chegassem até aqui.

Portanto, queridos colegas pedagogos e pedagogas, sem deixar de assinalar com ênfase o grande mérito individual de cada um de vocês, precisamos reconhecer também que o êxito que vocês agora celebram, e com a máxima justiça, é *também* resultado do esforço coletivo de um incontável número de trabalhadoras e trabalhadores, sem cuja colaboração o empenho individual de vocês facilmente se teria transformado em frustração, em desilusão.

É por isso, por esse caráter social e coletivo de que se reveste o processo da formação de vocês como Pedagogos e Pedagogas que é justo que a sociedade espere de vocês algum grau de retribuição. Não apenas justo, mas também urgente, considerando que se trata de uma sociedade em que os níveis de desigualdade e exclusão permanecem alarmantes.

É este, ao meu ver, o significado maior e mais profundo do diploma de vocês: em última instância, não é o Estado, através do MEC, que o confere a vocês, certificando sua habilitação profissional, mas o povo, a serviço de quem deve estar tanto o Estado (a despeito das contradições inerentes à sociedade de classes) quanto a Universidade Pública.

Portanto, quando mais tarde, já no aconchego de seus lares, vocês o tomarem às mãos para senti-lo de perto, apreciá-lo em detalhe, saboreá-lo, tentem, com as tintas da imaginação e movidos por uma autêntica generosidade, acrescentar às palavras ali impressas a seguinte admoestação: vocês que se formam na Universidade Pública, não se esqueçam dos pequenos, dos pobres, dos simples! Não permitam que o saber que adquiriram os transforme em pessoas egoístas, individualistas e mesquinhas; pelo contrário, façam desse saber e da competência profissional que ele lhes proporcionou um instrumento de exercício da solidariedade, da doação gratuita, do amor ao próximo.

Penso que não me equivoque em acreditar que é este o recado que o povo gostaria de deixar registrado no diploma, mas, sobretudo, nos corações e nas mentes de vocês. Lembrem-se disso, queridos colegas, cada vez que olharem para ele.

Se eventualmente alguém lhes solicitar o “referencial teórico metodológico” a partir do qual vocês poderiam justificar esse seu compromisso profissional com o povo (isso é bem típico dos professores de Filosofia!), basta parafrasear Antônio Gramsci, transferindo para a Pedagogia o que ele diz a respeito da Filosofia:

um movimento *pedagógico* só merece este nome [...] na medida em que, no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, *jamaiz se esquece de permanecer em contato com os ‘simples’* e, melhor dizendo, encontra neste contato a fonte dos problemas que deve ser estudados e resolvidos. Só através deste contato é que uma *pedagogia* se torna ‘histórica’, depura-se de elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em ‘vida’. (Gramsci, 1986, p.18).

Ou, se preferirem, vocês podem citar as palavras de Paulo Freire (1981) acerca da necessidade de se cultivar um profundo amor pelos homens [e mulheres] do mundo, a fim de, junto com eles e com elas, realizar a “ontológica e histórica vocação”, que é de todos nós, para o “Ser-Mais”, para a Humanização, para a felicidade. Claro que isto supõe a supressão da situação opressora incompatível com a realização desse Ser-Mais. Com efeito, ainda que vocês falem a língua dos filósofos, dos sociólogos e dos psicólogos, sem amor pelo povo vocês nada serão³.

Para um pedagogo, esse estar em contato com os “simples”, com o povo, pode se dar de maneira mais direta, por exemplo, atuando na escola pública, ou na educação popular, ou mais indireta, por exemplo, ajudando na formação de cidadãos críticos sensibilizados para a necessidade de transformar a sociedade.

Além disso, a adesão ao povo, supõe, para um pedagogo, assumir um compromisso radical com a socialização, a democratização, a partilha do saber elaborado, da cultura erudita, para que esse saber e essa cultura deixem de ser privilégio de uma pequena minoria que deles se vale como instrumento de dominação. A esse respeito, não custa lembrar, uma vez mais, o ensinamento de outro grande mestre, o professor Dermeval Saviani que, num interessante jogo de palavras, afirma: “O dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação”. (Saviani, 2002, p.55).

Em outras palavras, cabe a vocês, como pedagogos e pedagogas, fazerem-se agentes da transferência para o domínio dos dominados do saber e da cultura que, até o momento, vêm sendo dominados quase que exclusivamente pelos dominantes.

Sabemos, é verdade, que o saber, a teoria, as idéias, não mudam a realidade por si mesmos. Como bem nos alertaram Marx e Engels (1991, p.37), “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. As armas da crítica, adverte Marx, não podem substituir a crítica das armas e a força material só pode ser deposta por força material. Mas ele próprio nos lembra que “a

³ Paráfrase da canção *Monte Castelo*, do grupo *Legião Urbana*.

teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens” (Marx, 1991, p.117). Sejam, pois, os mediadores dessa apropriação da teoria pelos homens e mulheres das camadas populares para que eles a convertam em força material capaz de ajudá-los na transformação do mundo.

Portanto, caros colegas, especialmente aqueles dentre vocês que forem trabalhar em escolas públicas, onde há maior concentração de alunos oriundos das camadas populares, jamais, em hipótese alguma, abram mão de assegurar que seus alunos aprendam efetivamente aquilo que compete a vocês ensinar-lhes; jamais admitam que deixem de se apropriar do saber que lhes poderá servir de instrumento de libertação. Dessa forma, vocês estarão realizando em plenitude a essência do ser educador, bem como a dimensão política específica do trabalho pedagógico.

Convém lembrar, ainda, que o compromisso com a mudança social também tem implicações de natureza ética. Se querem uma sociedade democrática, ajam de maneira democrática, recusando toda forma de autoritarismo; se querem uma sociedade solidária, ajam com solidariedade, rejeitando o individualismo e a competição fundada no “cada um por si” e no “salve-se quem puder”; se querem uma sociedade respeitosa, ofereçam e exijam respeito; se querem uma sociedade fraterna, estejam dispostos à partilha e renunciem à acumulação egoísta e ao consumismo; se querem uma sociedade pacífica, ponham de lado toda arrogância e se façam “simples e humildes como as pombas”, mas também “espertos como as serpentes”. Não há nada mais antipedagógico do que um professor que não age em conformidade com aquilo que prega, que se pauta pela ética do “faça o que eu digo mas não faça o que eu faço”. Prefiram, vocês, aquele preceito mais sábio que diz: “Façam aos outros o que desejam que eles façam a vocês”.

Ainda no campo da conduta pessoal, busquem sempre adotar uma postura filosófica, mantendo viva sua capacidade de se espantar, de se admirar, de duvidar, de indagar os porquês das coisas e de se indignar. Lembrem-se, se não for pedir demais, da primeira regra do método proposto por Descartes: jamais acolher alguma coisa como verdadeira sem conhecê-la evidentemente como tal; isto é, tomar cuidado para evitar a precipitação e o preconceito nos julgamentos e para não incluir neles nada que não se apresente à razão como claro e distinto (Descartes, 1983, p.37). Trocando em miúdos através das palavras de Marilena Chauí, trata-se de não aceitar como óbvias e evidentes as coisas, as idéias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana [...] sem antes havê-los investigado e compreendido (Chauí, 1994, p.12). Pode ser que, em algumas situações, esse tipo de postura lhes valha o rótulo de “chatos”, mas é melhor ser um chato que pensa por si mesmo, do que um simpático “Maria vai com as outras”.

Dificuldades, certamente, haverá, muitas e de toda ordem. Mas não se assustem. Via de regra, elas não costumam ser maiores do que nossa capacidade de superá-las. Além disso, elas podem se converter em suas aliadas se servirem de estímulo para que vocês estudem mais, pesquisem mais, façam mais uso da imaginação e da criatividade, favorecendo, assim, seu crescimento pessoal.

Perseguições também haverá. Afinal, seria ingenuidade acreditar que todos serão favoráveis às suas idéias de mudanças e revoluções. As resistências virão, sobretudo, da parte dos que sentirem ameaçados seus interesses, seus privilégios, ou simplesmente sua

comodidade. Mas também com elas vocês não devem se preocupar em demasia. Antes, encarem-nas como ocasião propícia para o desenvolvimento do “jogo de cintura” que, certamente, lhes será útil em inúmeras circunstâncias, e como sinal de que vocês permanecem fiéis ao seu compromisso de mudança e de instauração do novo. Afinal, os acomodados a ninguém incomodam.

Finalmente, uma última sugestão: seja como for, jamais descuidem de suas vidas pessoais, da dimensão afetiva de suas existências, do corpo, do lazer, do prazer. Cantem, dançam, brinquem, contem e escrevam histórias, amem, enfim, vivam intensamente. Porque um professor mal resolvido afetivamente é um sério candidato ao insucesso, à patologia e, para a desgraça dos alunos, a se tornar um “cara muito chato”. Nesse caso, o título de chato não vale a pena! Portanto, na medida do possível, procurem estar de bem com a vida, sem deixar que isto represente viver na alienação.

No mais, só me resta agradecer imensamente à turma de Pedagogia-diurno pela grande alegria que me proporcionou ao me escolher como paraninfo. É a primeira vez que isso acontece desde que comecei a trabalhar no ensino superior. Saibam que para mim é um honra e um privilégio, por se tratar de uma turma que eu aprendi a respeitar e a admirar, pela seriedade com que soube levar o curso, pela competência demonstrada nos trabalhos acadêmicos, sem que isso significasse perder a leveza de espírito e a alegria de viver que caracterizam as pessoas de espírito jovem e livre. Continuem assim na vida profissional.

Eu me despeço dizendo que vocês têm e terão sempre em mim, não apenas um colega, mas também, agora sim, um amigo e um companheiro, disposto a prosseguir junto com vocês na caminhada para que, em colaboração recíproca, tornemos mais eficaz nosso compromisso com a concretização desse sonho coletivo de uma sociedade em que todos tenham vida e alegria em abundância.

Parabéns! Sejam muito felizes.

Um grande e afetuoso abraço em todos vocês.

Referências

- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p.25-71. (Os pensadores)
- GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARX, Karl. Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. In: _____. **A questão judaica**. São Paulo: Moraes, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã – Feuerbach**. São Paulo: HUCITEC, 1991.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2002.